



Sou comunista e não sabia.

Muita coisa aconteceu nesses últimos seis anos, aproximadamente. Em junho do ano de 2013 uma parcela significativa da população brasileira, que até então se mantinha à margem do ativismo político, se viu forçada, frente aos desmandos de um governo, a se colocar em ordem de batalha e ir às ruas para protestar e exigir um Brasil melhor, com iniciativas, soluções, medidas que viessem ao encontro de seus anseios. "Não são só os vinte centavos", "slogan" dos primeiros manifestantes que se indignaram com o aumento das tarifas dos ônibus. Realmente não era esse o motivo maior. Foi sim um grito de basta para um governo e um estado que se colocavam não só alheios como, mais que isso, em posição antagônica às demandas de grande parcela da sociedade brasileira. Feito esse introito e a partir desse fato histórico, verificou-se que aquilo que até então era apenas um dado social, qual seja, o caráter predominantemente conservador da sociedade brasileira, esse "dado" ganhou um rosto, na verdade, milhões de rostos. Passou-se a se aprofundar no estudo do que seria um conservador, um liberal, suas características, suas crenças e modos de ação. Chegamos agora ao porquê do título desse artigo. Quando essas características passaram a ser dissecadas, defendidas ou até mesmo atacadas notadamente na Internet (graças à Deus ela existe, e ainda livre...) muitos passaram



a entender o que eram e o que não eram; porque eram e porque não eram. O que se convencionou chamar de marxismo cultural (na falta de termo melhor) aplicado no Brasil da forma mais exitosa comparada à qualquer outro lugar do mundo, criou uma mentalidade socialista, quando não comunista,

em grande parcela da sociedade brasileira, que passou a ser agente do movimento revolucionário marxista, de forma inconsciente. Muitos desses se acham paladinos da igualdade, da tolerância, representantes do, pasmem, verdadeiro espírito cristão, de um estado solidário e solução para todo o tipo de questão. Antônio Gramsci, um dos fundadores e Secretário Geral do Partido Comunista Italiano e maior ideólogo da penetração do marxismo de forma incruenta em todas camadas de uma sociedade (vide seus "Cadernos do Cárcere"), deve ver como troféu o nosso país, esteja lá onde quer que esteja, assim como os membros da "Escola de Frankfurt". A contaminação marxista se deu (e se dá) nas mais insuspeitas instituições, isso já a partir da década de 60 do século passado. A educadora e ex parlamentar de extensa biografia Sandra Cavalcanti já então nos alertava sobre essa ameaça. Igreja, seitas cristãs, universidades, intelectualidade (orgânica) forças armadas e policiais, artistas, órgãos do serviço público, nada foi poupado da contaminação, muito pelo contrário : foram escolhidos a dedo, de forma científica. Muitos dos membros dessas instituições nem mesmo se aperceberam da mudança de seus perfis, agindo como agentes revolucionários, quando não omissos diante da ação de seus pares. Como um dos resultados se deu a imbecilização coletiva (como bem descreveu o Professor Olavo de Carvalho em sua obra "O imbecil Coletivo"), onde o ser humano abdica de escolher seus próprios caminhos, de sua autonomia em detrimento daquilo que, ou o "coletivo" próximo ou o Estado, do alto de suas condições de saber e conhecimentos incomparáveis e inquestionáveis em relação às necessidades de todos, definem. Na conta desses comunistas inconscientes (idiotas úteis, na melhor das hipóteses) podemos creditar muito do que somos e o muito que deixamos de ser como sociedade e nação.